

## RESENHA

### CÓPIA FIEL (COPIE CONFORME. 2010) DE ABBAS KIROSTAMI

### REVIEW: CÓPIA FIEL (COPIE CONFORME. 2010) DE ABBAS KIROSTAMI (FAITHFUL COPY BY ABBAS KIROSTAMI) (2010)

*Célia Regina de Toledo Lucena\**

Em *Cópia Fiel*<sup>1</sup> Abbas Kiarostami apresenta um filme com rigor, uma obra estética, sensível, uma narrativa que fala da vida cotidiana, de relação afetiva, de obra de arte e do cinema. É o primeiro filme rodado por ele fora do Irã, fazendo uma homenagem à viagem à Itália, no qual o diretor carregou algumas de suas marcas cinematográficas, a mulher, a natureza, a estrada e a viagem de carro. Tais marcas são as evidências do sensível. O diretor, de forma insistente nos últimos anos, tem defendido a mulher. O carro tem sido sua peça-chave, a razão é a viagem. O carro em movimento permite um caminhar pelos labirintos pessoais e sociais, possibilita o diálogo. Para Kiarostami, “viagem não significa necessariamente ir de um lugar ao outro. Pode ser uma viagem natural: qualquer mudança de ideias pode constituir uma viagem”.<sup>2</sup>

Kiarostami, após a Revolução Islâmica (1979), teve sua produção submetida à censura do governo; segundo ele não foi muito trabalhoso buscar formas para se ajustar, tendo continuado valorizando as “pequenas coisas”. Assim, “eu não digo que meus filmes sejam cinemáticos, mas eles são um pedaço de vida”.<sup>3</sup> Além de diretor de cinema, explora sua sensibilidade em outras linguagens: fotografia, pintura, artes gráficas, poesia, vídeo.<sup>4</sup>

\* Doutora em História social, pesquisadora do CERU-USP e co-editora da revista *Cadernos CERU*. E-mail: [ctlucena@uol.com.br](mailto:ctlucena@uol.com.br)

<sup>1</sup> *Copie Conforme*, Direção e Roteiro: Abbas Kiarostami, Atores: Juliette Binoche, William Shimell, Jean-Claude Carrière, Agathe Nathanson, Gênero: Drama. Lançamento: França, Irã, Itália, 2010. Filme de 106 min.

<sup>2</sup> KIROSTAMI, Abbas. Duas ou três coisas que sei de mim. In: Abbas Kiarostami. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p.2.

<sup>3</sup> KIROSTAMI, Abbas. op cit, p.2.

<sup>4</sup> Vale lembrar que a mostra *As estradas de Kiarostami 1978-2003* [fotografias] foi exibida no Museu Nacional de Cinema de Turim, Itália, em 2003.

O filme *Gosto de Cereja* (1997) ganhou a Palma de Ouro no 50º Festival de Cannes, obra que deu visibilidade a Abbas Kiarostami. Registra a ideia de filme como assinatura, marcado pela paisagem, pela fotografia, pelos trajetos circulares do automóvel em paisagem iraniana. Ao lidar com o suicídio, o diretor imaginava que a questão não fosse considerada um problema do personagem, mas de cada espectador. “Queria registrar a consciência da morte, a ideia da morte que só o cinema sabe tornar aceitável”.<sup>5</sup> O filme *Dez* (2002) trata dos conflitos femininos reforçados após a Revolução Islâmica. A narrativa consiste em dez sequências sobre os dilemas de seis mulheres. Kiarostami, nessa ocasião, utiliza o carro como espaço terapêutico, de queixas, de desabafos pessoais, excelente conteúdo sobre a história da vida privada. O diretor mostra de forma crítica a cultura islâmica no que toca à questão da mulher. O confronto entre a mãe divorciada e o filho revela as representações do cotidiano no Irã contemporâneo. *Dez* recortes de vidas privadas fornecem conteúdo para compreensão de angústias femininas. A mulher iraniana vive submetida às tradições, à legislação e a uma semiclandestinidade. A feminilidade no Islã encontra-se reduzida a uma espécie de avesso da masculinidade. O tema preferido do diretor passou a ser o sentimento feminino e com isso a mulher entra em seu universo cinematográfico.

Em *Cópia Fiel* o carro, a mulher, o diálogo em viagem, a paisagem são ferramentas transferidas do Irã para a Itália. Trata-se agora de uma mulher europeia, *Elle* (Juliette Binoche) é francesa radicada na Itália, vendedora de antiguidades. Que mulher é essa? As representações de *Elle* são de uma pessoa aflita, divorciada e com dificuldade de estabelecer uma relação com o filho adolescente. A mulher angustiada, com vida mal resolvida, não está instalada somente no Irã, está presente em muitos cantos do mundo. A partir de Lucignano, pequena cidade da Toscana, cuja exuberante arquitetura é exibida pela câmara no decorrer do filme, os sons de sinos, a música e a fala de italianos, tudo dá à película uma ambientação sonora muito diferente daquela encontrada nos filmes produzidos no Irã.

A Toscana foi uma boa escolha para tais representações, lugar repleto de esculturas, pinturas, “um museu a céu aberto”, para ser o cenário de discussão sobre a cultura da memória, fenômeno esse disseminado na virada do século, reflexo de uma comercialização crescente e bem-sucedida da memória pela indústria cultural. “Os *remakes originais* estão na moda e, assim, como os teóricos culturais e os críticos, nós estamos obcecados com a re-representação, repetição, replicação e com a cultura da cópia com ou sem original”.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> KIAROSTAMI, Abbas. op cit, p. 245.

<sup>6</sup> HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 24.

Kiarostami cria um enredo em torno do original e das cópias, em vários níveis, na relação de vida a dois e na história da arte europia. Trata-se de um filme que explora a cópia e o original na arte e no amor. A questão que se pode chamar de indústria da memória, ou seja, a cultura da cópia, da ideia de que uma falsificação pode ter a mesma validade do original. James Miller (William Shimell) é escritor inglês, está na Toscana para lançar a tradução em italiano de seu livro “Copie Conforme” (Cópia Fiel). O autor reflete que não existiria uma diferença fundamental entre um original de uma estátua grega, esculpida por um artesão na Grécia Antiga e uma reprodução feita por um falsário contemporâneo, pois arte cumpre a mesma função, o mesmo objetivo. Apenas seus valores diferem. Assim, no início do filme o escritor inglês argumenta: se a qualidade de uma obra de arte depende do contexto e está nos olhos de quem a vê, então uma falsificação pode ter a mesma validade do original.

James Miller e Elle acabam se encontrando por interesses comuns sobre a arte, fazem um passeio de automóvel pela Toscana. Em um café de Lucignano são interpretados como marido e mulher e a partir daí a representação de tais papéis é introduzida. Então um romance é a florado na perspectiva do original e da cópia, o que possibilita ao espectador uma dupla interpretação. Vale o leitor refletir se aquela relação se trata de um original ou de uma cópia. São representações da própria vida dos protagonistas que são encenadas ou de fato se trata de um casal que está há anos separado e se reencontra e faz algumas avaliações sobre sua vida? Buscar resposta para essa questão não é o mais inquietante. O que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar essa ou aquela representação. Kiarostami sugere que cada um interprete a obra como quiser. Um olhar atento permite a apreensão de seus significados, a metáfora de que na vida real nunca se sabe qual é a cópia e qual é o original, talvez seja esta uma interpretação que o filme sugere. Assim, a cópia cumpre a mesma função tanto para os mercados de memória, como para as histórias de vida dos atores sociais.

A tentativa de entender a mulher é uma das impressões da cinematografia de Abbas Kiarostami. Vale ressaltar que fora do Irã a mulher continuou marcando sua temporalidade cinematográfica. Elas protagonizam os caminhos elaborados pelo diretor para representarem os sentimentos femininos no mundo contemporâneo. Cópia Fiel é uma narrativa para ser lida mais de uma vez. De forma merecida a película rendeu o prêmio de melhor atriz a Juliette Binoche no festival de Cannes, em 2010.

O filme deve ser entendido como um texto, como um documento de uma época e objeto de cultura. A análise do cinema constitui algo da função do imaginário. Turner<sup>7</sup> faz uma relação entre cinema e cultura, afirmando

<sup>7</sup> TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

que o cinema não reflete o real, como outros meios de representação, ele constrói seus quadros por meio de códigos, mitos e ideologia de uma cultura. Como o cinema atua sobre os sistemas de significados da cultura, sua análise passa também por esse sistema de significados. Assim, ler o filme implica aprender a apreciar, a decodificar e interpretar imagens, analisando tanto a forma como essas imagens são construídas e operam em nossa vida como o enredo que transmitem e ainda as possibilidades que criam no espectador de sentir o conteúdo. “A recepção de informações pode ser compreendida como leitura, à medida que todo recorte da rede de informações pode ser considerado como um texto ou uma narrativa”.<sup>8</sup>

O filme é uma linguagem e uma fonte para investigadores, sua análise descortina impressões ou marcas deixadas pela vida, com as sensibilidades e subjetividades que operam como experiência íntima, individual ou social. O cinema existe para falar do mundo, dos jogos políticos e abrir portas para pensá-los. No caso, os filmes de Kiarostami, por meio de conteúdos que lidam com “pequenas coisas”, oferecem ao leitor oportunidade de interpretar questões universais com base em percepções individuais. Cópia Fiel remete os espectadores às dimensões da cultura, da originalidade dos trabalhos de arte e da produção acadêmica, das representações sociais, das questões de gênero, ou seja, das diferenças entre o masculino e o feminino, e ainda se dirige aos sutis meandros das vivências pessoais e sociais.

Cópia Fiel consegue deixar o espectador extasiado e admirado com o aspecto artístico, com a simplicidade do enredo e com a forma competente como o diretor conduz a obra.

---

<sup>8</sup> LUCENA, Célia Toledo. Vozes femininas no DEZ de Abbas Kiarostami. In: *Textos de História: Revista do Programa de Pós Graduação em História da UnB*, vol. 16, n.1, 2008. p. 99-118.